



# REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA E HISTÓRIA



## A REDE DE CONCEITOS ARENDTIANOS E SUA PERTINÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO

*Jaciel Rossa Valente*

Graduando em História pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná,

Email: [jacielvalente@gmail.com](mailto:jacielvalente@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo aborda a rede de inter-relações no pensamento da filósofa política Hannah Arendt. A problemática em questão: “como a inter-relação entre os conceitos fundamentais de Arendt, essencialmente, o de *vita activa*, contribui para repensar a educação no tempo hodierno?” Objetivamos primordialmente analisar o grau de intensidade das atividades humanas reduzidas à habilidade de *animal laborans* tornaram-se contribuintes à supressão da liberdade e da ação nos tempos hodiernos. Como verificar os conceitos de política, ação, liberdade e *vita activa*, utilizados por Hannah Arendt para refletir acerca da pertinência do complexo *vita activa* para educação na atualidade. Empregamos neste itinerário investigativo a metodologia de revisão bibliográfica temática e construções de mapas conceituais. Despontaram-se no horizonte investigativo, diversas discussões de aspectos sociais de níveis globais que se refletem na educação, estabelecendo uma tríplice interligação entre a filosofia, educação e política. Destarte, o texto se encontra subdividido em três eixos essenciais: primeiro no debate acerca do pensamento arendtiano, segundo o embate entre *animal laborans* e *vita activa* e o terceiro, acerca da pertinência das ideias de Hannah Arendt para a educação. Impeliu-nos em cada eixo, um ponto axial, todavia, os três se interligam no complexo de Hannah Arendt, tanto para pensar questões sociais globais da atualidade, quanto para repensar o atual ensino brasileiro. Evidenciamos a ação como mantenedora da *vita activa* e a ascensão do *animal laborans* como contribuinte para o fortalecimento das vertentes individualistas, consumistas, de *mundo online*, pobreza e da crise mundial dos refugiados, bem como o pensamento de engajamento social de Hannah Arendt para repensar a educação, pautada na diogenicidade e na criticidade.

Palavras-chave: **Hannah Arendt - Educação - Animal Laborans - Vita Activa - Inter-relações.**

### *THE ARENDTIAN CONCEPT NETWORK AND ITS RELEVANCE FOR EDUCATION*

**Abstract:** This article to approach the interrelationships in thought of philosophy and politic Hannah Arendt. The problematic in question: “how the interrelationships between the fundamental concepts of Hannah Arendt, especially the *vita active*, contributing to rethink the education in present?” Therefore, the aim of this study is to analysis how much the humans activities lowered the animal ability of *animal laborans*, become taxpayers the freedom suppression and of action in present. How verify the politics, action, freedom and *vita activa* concepts, used by Arendt, to think the relevance of complex *vita active* to education in present. We apply in this itinerary the bibliographic review methodology and concept map constructions. It happened in search discussions about social aspects of stages global that reflect in education, establishing a triple interconnection between philosophy, education and politic. That way, the text has three main axes; first the discussion about the thought Arendt conceptualization; second discussing the clash between *animal laborans* and *vita active* and the third, discuss the Hanna Arendt ideas relevance to education. Impel in each exes the point, however, the three related in the complex of Hannah Arendt, so much to global social questions in present how much to think the Brazilian actual educational. Evidence the action like a keeper of *vita activa* and the *animal laborans* ascension like a contributor to strengthening individual strands, consumerist, virtual world, poverty and refugee crisis, like the though social commitment of Hannah Arendt to rethink the education guided in conversation and critic.

Keywords: **Hannah Arendt – Education - Animal Laborans - Vita Activa - Interrelationships.**

## 1. INTRODUÇÃO

Esta investigação se assenta sobre os *fundamentos* teóricos políticos filosóficos de Hannah Arendt, cuja problemática é: como a rede de conceitos arendtianos envoltos pelo complexo da *vita activa* contribui para pensarmos a educação no tempo hodierno? Armaremos uma rede de inter-relações entre *vita activa*, liberdade, ação e política. Destacando a influência de uma sobre a outra e a interação entre os conceitos aqui expostos. O intuito será o de construir uma rede de influências entre os conceitos fundamentais da autora em voga. O que resulta afirmar que todos os conceitos se implicam direta e indiretamente. Destarte, *verificar* a concepção de *vita activa*, liberdade, ação, política e suas relações, bem como *refletir* acerca da pertinência da rede arendtiana para a educação. A pesquisa desdobra e amplia resultados indicados no resumo expandido de Valente e Borges (2019), se configurando como um aprofundamento da temática.

A base *metodológica* utilizada foi subdividida em duas etapas, a fim de responder à problemática e elaborar uma rede de inter-relações arendtianas. A primeira em uma revisão bibliográfica temática, centrada em Severino (2007) e Andrade (2009). A segunda, na construção de mapas conceituais com base no artigo de Tavares (2007). O intuito da primeira etapa foi revisar as obras

de Hannah Arendt e a segunda foi examinar os conceitos no formato de rede. Assim, ambas convergem para a sistematização das informações retiradas do texto e na elaboração de novas perspectivas.

Haja vista que a educação é a construtora da autonomia e da liberdade. É um ato político que exige compromisso e engajamento social acerca das reflexões e da prática docente no contexto globalizado com diversas demandas sociais. Estas se aproximam dos pressupostos teóricos de *vita activa* estabelecidos por Hannah Arendt. O percurso investigativo contribuirá no repensar a educação num contexto volátil, emaranhado pela liquidez, que exige engajamento social. Este poderá ser redescoberto por meio da educação.

A inter-relação de conceitos no pensamento de Arendt fomenta uma educação centrada na dialogicidade, preconizada no Brasil por Paulo Freire, não existe prática da liberdade sem dialogicidade, eis aqui a essência da educação (FREIRE, 2005, p. 89-99). A dialogicidade é central do pensamento de Paulo Freire: “o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isso, o diálogo é uma exigência existencial” (FREIRE, 2005, p. 91). Pois, “sem o

estabelecimento das relações não existe diálogo, sem diálogo o ser humano é apenas um indivíduo, isolado, objeto, um ser-negado, não chega a existencializar-se e a realizar-se como pessoa” (BORGES, 2013, p. 126). A dialogicidade é propulsora de uma educação engajada e problematizadora, subentendida como ato político, compromisso social e fomentadora da conscientização, muito cara a Paulo Freire: “ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade do seu significado [...]. Desde então, esta palavra forma parte do meu vocabulário” (FRERE, 1980, p. 25). É a partir da hermenêutica da palavra conscientização que Paulo Freire expõe a sua teoria e prática da libertação (BORGES, 2013, p. 118). E, acrescenta: “A dialógica freireana não brota do nada, mas resulta de uma existência historicizada, do ‘ser no mundo’, do ser *com* e *no* mundo, datado e endereçado” (BORGES, p. 150). Ambos, Arendt e Freire, pautam-se por uma educação centrada na dialogicidade, pois através dela se forjará o ser humano consciente e construtor do próprio destino, portador do futuro de uma nova história, engajado nas grandes demandas sociais que exige os tempos hodiernos. A comunicação entre a educação e a filosofia, nos impulsiona a repensar, tanto a filosofia, quanto a educação no formato de redes, evadindo-nos

do clássico pensamento fragmentado, subdividido e compartimentado.

## 2. PANORAMA ARENDTIANO EM FORMA DE REDE

A *vita activa* é a vida humana enquanto se tem como objetivo o de realizar algo no mundo. Dentre as três atividades fundamentais, supraelencadas destaca-se a ação. Verificamos que a ação corresponde ao novo, ao realizar um novo começo e, para esse, ser efetivo, necessita-se da união de iguais, isto é, de pessoas em ação. Destacamos o ponto central que permeia toda interligação dos conceitos, essa é a atividade da condição humana da pluralidade implicada na ação e como adverte Hannah Arendt, “a pluralidade é a lei da Terra” (2017, p. 35). A *vita activa* exerce uma influência magistral sobre a ação, pois essa somente integrará as atividades fundamentais do ser, se a preocupação for com o mundo e não consigo mesmo (ARENDR, 2011a), pois sem esta preocupação com o mundo, a *vita activa* não se caracteriza como tal. Sem a *vita activa*, poderíamos afirmar que no interior do pensamento arendtiano o agir perderia seu propósito e até mesmo a sua identidade. A ação, por sua vez, exerce influência sobre a liberdade e a política; especialmente, sobre a política, visto que a ação, enquanto sinônimo de natalidade é a “categoria central do pensamento político” (ARENDR, 2011a, p.

17), por sua capacidade de impulsionar e iniciar algo.

Verificamos que “o pensamento político só pode acompanhar as expressões verbais dos próprios fenômenos políticos, ele fica restrito ao que aparece no domínio dos assuntos humanos” (ARENDT, 2011b, p. 45). Pode-se dizer que se prende à ação, mas não somente, uma vez que é a ação que propicia para além do novo agir, o discurso. Isso implica em debates, discussões e no desenvolvimento dos assuntos políticos e nas tomadas de decisões. O discurso é uma condição necessária para o exercício da política, bem como o “domínio dos assuntos humanos” que é a “esfera pública”. Ela é um produto da atividade do trabalho com a finalidade de desenvolver a ação e concentrar seus iguais para a geração de poder, desenvolvendo a política. A “ideia de espaço público surge como uma condição fundamental da atividade política na teoria de Arendt” (SILVA, 2017, p. 118).

Constatamos que sem a ação não existiria a política e sem o discurso não seria desenvolvido a ação política, logo seria desprezível a esfera pública. O silenciamento do discurso, seja pela violência explícita ou implícita, impediria que se concretizasse a política (ARENDT, 2010). De igual modo, sem a *vita activa*, o trabalho não se preocuparia em criar um espaço para

concentrar ou gerar seus iguais. Percebemos que a *vita activa* está permeada, não somente pela ação, mas pela formação e sustentação da política.

A liberdade, fruto da ação, da política e da esfera pública, tem um papel preponderante na coordenação, sustentação e na criação dos demais temas e subtemas por nós desenvolvidos, pois “a liberdade é o exercício da ação política em uma esfera pública” (SILVA, 2017, p. 129). Faz-se necessário vincular isso com o que expõe Aristóteles (2001), de que somente participariam das decisões da *polis* aqueles que fossem livres. Para que haja política e o desenvolvimento dos assuntos do mundo, a *vita activa*, é indispensável que o ser humano seja livre; dado que a “ação política é sinônimo de liberdade” (TORRES, 2007, p. 235).

No que concerne à influência da liberdade sobre a ação e a política, além do que discorreremos, é o fato de que ação e a política “são as únicas coisas que não poderíamos sequer conceber sem ao menos admitir a existência da liberdade” (ARENDT, 2001, p. 191-192). Não se trata de suposições, se uma existiria sem a outra, visto que a liberdade exige do ser a desvinculação de uma necessidade soberana, a de ser livre. No momento em que necessidade não impera sobre o ser, esse pode empregar a ação e

dedicar-se à política, estando livre para discutir os assuntos na esfera pública, afirmando a *vita activa*. Pode-se apontar que “o campo em que a liberdade se realiza é o da *vita activa* e seu domínio de experiência é a atividade da ação” (SAMPAR; FACHIN, 2016, p. 70). Dito de outra forma, a liberdade somente realizar-se-á quando a condição humana da pluralidade esteja em constante atividade de ação.

O que concerne à política é bastante amplo, dado que recebe a influência de toda a rede de atividades, conceituadas no pensamento de Hannah Arendt, a ponto de caracterizar-se como um setor complexo, resultante da *vita activa*. É o resultado da *vita activa* que inclui e necessita das outras três atividades para ser concretizada. O *labor* enquanto manutenção da vida do ser, da comunidade, do *trabalho* para a fabricação do espaço em que a política acontece e do desenvolvimento da liberdade e da *ação*, enquanto ponto de ação para a manutenção da política. A influência da ação sobre a política é a mesma que a liberdade, de que se mantém somente enquanto haja homens em ação (ARENDDT, 2001). Verifica-se nesta afirmação, que a *vita activa* permeia por completo a política.

A relação entre liberdade e política é tão profunda, que se ocorresse o desaparecimento de uma, a outra não

subsistiria, logo, a liberdade é o desejo do modo político de vida (ARENDDT, 2011b). Caracterizando a propensão da liberdade em alcançar a política. Essa por sua vez, intenta manter o bom convívio entre os homens e o cuidado dos assuntos do mundo. Fato esse que condiciona os homens, agentes do novo, pela ação, a “assumir, nos próprios ombros o peso da coisa política terrena, é o amor ao próximo e não o medo dele” (ARENDDT, 2012, p. 71).

Sem a política a liberdade não existiria e, conseqüentemente, o espaço público seria inutilizável. O mesmo ocorreria com a ação, que perderia seu propósito. Por suposto, comprometeria toda a *vita activa*, deixando o mundo sujeito ao caos, à violência e à individualidade. Depreende-se daqui a importância da educação pautada na dialogicidade (FREIRE, 2005, p. 89), impulsionadora e fomentadora do diálogo que cria e estabelece as relações e vínculos duradouros entre os seres humanos, de acordo aos pressupostos histórico-filosóficos do pensamento freireano (BORGES, 2013, p. 126-130). Para uma hermenêutica dessas inter-relações, faz-se necessário um mapa conceitual das ideias até aqui desenvolvidas, pois elas são o retrato da *condição humana*, pensada e delineada pela filósofa Hannah Arendt que nos motivou nessa empreitada, em forma de redes de inter-relações:



transformações, sendo relegada a um plano secundário.

Essa passagem resultou na elevação do *labor*. Destarte reduziram-se a tal ponto as demais atividades que integram a *vita activa* e suprimiu-se a categoria do *animal laborans*. O *labor* pode ser realizado no seu isolamento e desvinculado de seus iguais, não tendo preocupação com o mundo. Quando integramos a *vita activa*, impulsionamos a preocupação com a coletividade. Todavia, ao se afastar da *vita activa*, o *labor* regressa ao seu estado original e ocorre a promoção e a permanência do *animal laborans*. Basicamente refere-se ao exercício do *labor* e das demais atividades humanas com fins próprios e para a manutenção da própria vida.

Há uma infinidade de vertentes que resultaram da supremacia do *animal laborans*. Aprofundaremos cinco tópicos levantados por Valente e Borges (2019): individualismo, consumismo, *mundo online*, pobreza e refugiados. Estes aspectos impactam significativamente na corrosão da liberdade, da política e da ação no âmbito público. Em seguida exporemos cada um desses aspectos.

O primeiro aspecto marcante da contemporaneidade é a individualidade. Esse fator afeta a esfera pública, a liberdade, a ação e a política. Bauman explica que na *sociedade líquida*, o indivíduo é propenso ao trabalho do marketing de produtos e da economia para ser

individualista. O indivíduo está constantemente impellido por seus interesses. E, reitera que: “o novo individualismo, o enfraquecimento dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade” (BAUMAN, 2017, p.30) são características do exacerbado individualismo e do fechamento do ser humano na sociedade hodierna.

A “preocupação [...] na modernidade é com o presente, com o fugaz, com o efêmero, engendrado sob a forma de um consumismo desenfreado [...] o que levaria o sujeito ao desenraizamento da sociedade” (TORRES, 2007, p. 123). O *labor* se adapta bem, pois o efêmero é propício às atividades dele e não há necessidade de uma durabilidade como os produtos do trabalho. Mesmo vinculando o efêmero à sociedade, isso não impedirá as atividades propiciadas pelo *labor*. Verificamos que o individualismo acarreta no desaparecimento da liberdade e da ação, enquanto características do realizar algo no, e para o mundo. Quando desvinculado dos demais, impossibilita-se sua realização. A preocupação puramente momentânea para fins próprios é a necessidade. Esta, não pode ser a dominadora do ser, se for, conseqüentemente, não ocorrerá a ação e a liberdade,

O individualismo desemboca em diferentes vertentes, dentre elas se sobressai o consumismo. Este é mais um dos frutos da elevação do *labor*. Hannah Arendt indica o

momento central em que desponta o consumismo desenfreado. Apareceu durante a revolução industrial, substituindo todo artesanato pelo labor. E, “o resultado foi que as coisas do mundo moderno se tornaram produtos do labor, cujo destino natural é serem consumidos” (ARENDT, 2011a, p. 137). O consumo é característico da atividade do labor, todavia o consumismo é a potencialização do consumo, desprovido de uma finalidade, que seja realmente necessária. O que acontece é que o ser humano vislumbra certos produtos como necessários para a sua vida, quando na verdade, a ausência destes, em nada afetaria a vida biológica.

Sobre os produtos do trabalho, fabricam-se necessidades. Tal necessidade impulsiona a “substituir cada vez mais depressa as coisas mundanas que nos rodeiam” (ARENDT, 2011a, p. 138), de modo que não se respeitam mais a durabilidade e se utilizam sob a forma de consumo rápido. Nessa sociedade que se molda sobre a vertente do consumismo, denominamos de “sociedade de consumidores”. O sociólogo Bauman (2008) indica que a regra é a de descartar o que é considerado ‘velho’, mesmo sendo algo recém-lançado para e irmos à procura do ‘novo’.

Bauman (2008) reitera que o consumismo frenético na busca pelo novo,

baseando-se mais na aparência e na marca, que na função é culpa da promessa de felicidade que se gerou em torno do consumo. Quanto maior o consumo, maior serão as oportunidades de sermos felizes, atrelou-se o consumo à ideia de felicidade. Na visão Arendtiana, somente o *animal laborans* pensou em ser feliz (ARENDT, 2011a). A economia de mercado utilizou-se dessa característica para potencializar o desenfreado consumismo.

A influência dessa vertente na liberdade e na ação refere-se à preocupação das pessoas tomadas por suas “necessidades” que se dedicam a empregar os meios que conduzam a um exacerbado consumismo; abstendo-se das ações coletivas. O grande risco recai sobre a liberdade, como afirma Arendt (2011a, p. 143), pois o consumismo desenfreado “não só deixa de trazer nova era de liberdade para todos, mas, ao contrário, submete à necessidade, pela primeira vez, toda a raça humana”. Isso se deve ao submetimento do ser à natureza, à necessidade, ou a “necessidade fabricada”. A liberdade, assim como a ação, necessita ser livre de uma necessidade que impeça a participação nos assuntos públicos. O Consumismo se configura como um grande empecilho no cenário do espaço público, pois favorece a corrosão desse, bem como, da liberdade e, conseqüentemente, da ação. Neste palco do dismantelamento da ação e da

liberdade no cenário público, apresentam-se outras duas grandes vertentes decorrentes do labor: a do *mundo online*, como um fator novo e, a da pobreza, um fator ‘tradicional’.

A vertente do *mundo online* é parte integrante do espaço público. Compreende-se “o espaço público, não é somente um espaço físico ou territorial [...] ele possui outras dimensões na contemporaneidade, como jurídica, urbanística, social, cultural, e nos dias de hoje, tecnológica” (TORRES, 2007, p. 119). A internet é parte integrante do espaço público. Facilitou, em certo sentido, a comunicação e as decisões a grandes distâncias, porém em grande parte, acabou por tecer uma teia de individualidade sobre cada um dos seus agentes (VALENTE; BORGES, 2019, p. 4568).

A era líquida, impulsionada pelo incremento da internet, gerou as denominadas “redes sociais”, como o: *Facebook*, *Instagram* e *Whatsapp*. O sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman explica isso como o surgimento segundo mundo (BAUMAN, 2017). O mundo concreto em que o ser humano necessita entrar em consenso com os demais e, sua vontade não é soberana, nos critérios arendtianos seria o terreno da *vita activa*. Em oposição a esse segundo mundo Baumaniano, o mundo *online*, do qual o ser humano conquistou a total liberdade de ação e de seleção. Um mundo em que o indivíduo

sente-se como soberano e suas vontades são satisfeitas, sem carecer da presença do “discurso” com os demais. Tal liberdade é vista como liberdade interior, um estado total de liberdade, porém “permanece sem manifestações externas e é, portanto, por definição, sem significação política” (ARENDDT, 2001, p. 192). Assim, a “liberdade política”, ou das relações humanas, perde-se e esvazia-se de sentido e significado. Por isso, afirma Bauman (2007, p.109) que: “amigos do *Facebook* [seus iguais] são divertidos para gritar juntos, mas, infelizmente, de pouco ou nenhuma utilidade quando se trata de fazer coisas juntos”. No interior do complexo arendtiano, a ação perderia seu sentido, não teria iguais para executá-la, ou conduzi-los ao engajamento e ao compromisso.

Já a pobreza, que “é um fenômeno político, não natural, resultado da violência e da violação, e não da escassez” (ARENDDT, 2011b, p. 96). Portanto, concordando com Valente e Borges (2019, p. 4569) “a violência é um fenômeno apolítico, pois prejudica e dissipa o poder, ou seja, a união”. A pobreza então é um fenômeno marginal da política, que não é a pura escassez natural, mas resultante das ações entre os homens. A miséria ou a pobreza em si, não tem a capacidade de gerar ou de sustentar um ser livre, pois o indivíduo está arraigado à necessidade (ARENDDT, 2011b). Esta priva-

nos de liberdade. É prejudicial, porque impede o ser humano de ser livre e, conseqüentemente, de agir em sociedade, subtraindo a sua capacidade de ação. A consequência é que o *animal laborans* sente-se, praticamente, excluído da política. Depreende-se disso, “a questão era que o ‘labor contínuo’ e a falta de tempo livre [...] iriam excluir automaticamente os ‘laboriosos’ da participação ativa no governo” (ARENDT, 2011b, p. 103-104).

Em decorrência, não somente da pobreza, mas da violência, violação, da força e da guerra, destacamos nos dias hodiernos, a crise migratória mundial dos refugiados. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), emitiu um relatório em 19 de junho de 2019 sobre as tendências globais no qual aponta que até 2018, 70,8 milhões de pessoas foram forçadas a fugir da guerra, conflitos e perseguições. Sendo que somente em 2018, 25,9 milhões de pessoas foram registradas como refugiadas<sup>1</sup>. Zygmunt Bauman denuncia a crise migratória mundial como uma problemática ética e política, na realidade uma crise humanitária, que ameaça as democracias. Os refugiados são descritos por Bauman (2007, p. 47): “são a encarnação do ‘lixo humano’, sem função útil a desempenhar na terra em que chegam onde

permanecerão temporariamente, e sem a intenção ou esperança realista de serem assimilados e incluídos”. Tal descrição configura a ótica da contemporaneidade acerca da problemática hodierna dos refugiados. Nesta crise vexatória e humanitária dos refugiados exalta-se o individualismo e o consumismo. Os refugiados, nada ou pouco agregam à economia do novo território, sendo classificadas com baixo potencial consumista, por isso descartáveis, indesejáveis e rejeitados por serem pobres e não incrementarem o exacerbado consumismo.

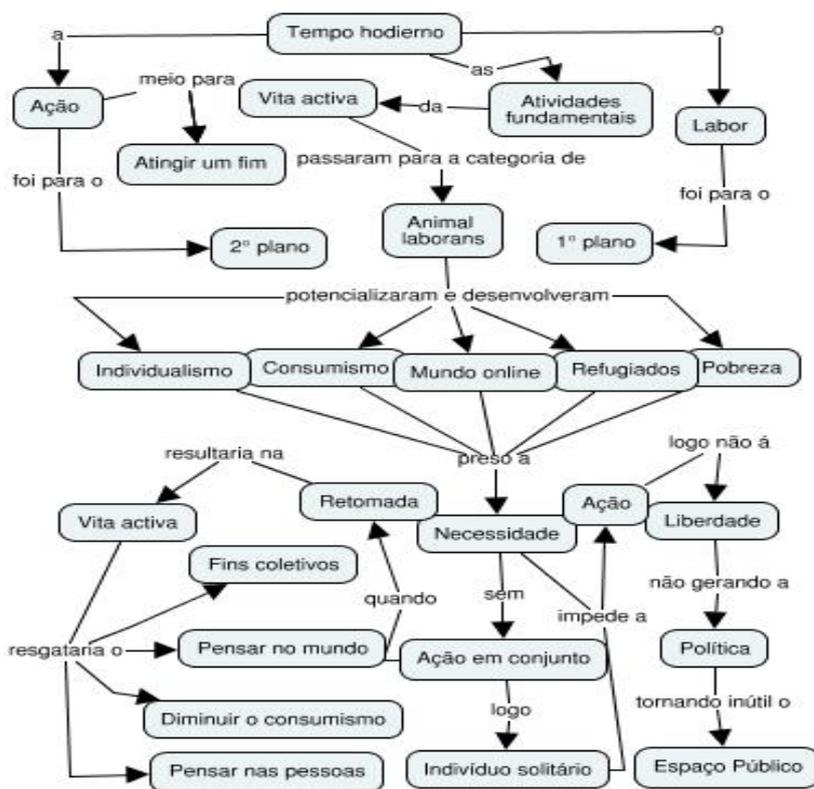
Ao não assimilarem os refugiados com uma solidariedade cosmopolita e nem os integrem nos novos territórios, cada indivíduo acaba por esvair sua revelação intrínseca no ato de agir; dessa forma, “a ação perde seu caráter específico e torna-se um efeito como outro qualquer. Na verdade, passa a ser apenas um meio de atingir um fim” (ARENDT, 2011a, p. 193). Quando a atividade da ação é reduzida à condição de busca de suprimentos para combater a necessidade é resultante da expansão do *animal laborans*. A liberdade, sendo corrompida, faz que “eles vivem, literalmente, um dia após o outro” (BAUMAN, 2007, p. 52). As 25,9 milhões de pessoas refugiadas em 2018, tiveram o exercício da liberdade e da ação negadas pela necessidade. Nas quatro vertentes e no movimento: individualismo,

<sup>1</sup>Site: <https://www.acnur.org/portugues/2019/06/19/8-fatos-sobre-refugiados-que-voce-precisa-saber/>

consumismo, mundo *online*, pobreza e crise dos refugiados. Em todas essas vertentes, o labor impera soberanamente por conta da necessidade. E esses aspectos são potencializados pelo *animal laborans* que não necessita da presença das demais pessoas e

nem se preocupa com seu semelhante ou com o mundo. O mapa conceitual infra indicado exemplificará as atividades potencializadas pela ascensão do *animal laborans* no tempo hodierno:

**Imagem 2:** “Mapa conceitual da ascensão do *animal laborans* no tempo hodierno”



Produzido pelo autor com base nas obras *A condição humana* (2011a), *Entre o passado e o futuro* (2001), *O que é política?* (2012), *Sobre a revolução* (2011b), *Sobre a violência* (2010), *Estranhos à nossa porta* (2017), *Tempos Líquidos* (2007) e *Vidas para consumo* (2008) de Hannah Arendt e Zygmunt Bauman.

#### 4. REFLEXÕES ENTORNO DA EDUCAÇÃO NO TEMPO HODIERNO

Constatamos através de uma breve revisão bibliográfica que o ensino brasileiro está centrado numa metodologia tradicional de cunho acadêmico, segundo peritos de

renome (VASCONCELLOS, 1992), (KARNAL, 2009), (COELHO, 2013). Tal metodologia contraria a filosofia política de engajamento social inspirada no conceito de *vita activa* de Hannah Arendt, em que a base

da educação é a dialogicidade. Logo, se contrapõem à metodologia tradicionalista, que é predominantemente expositiva e estabelece a educação como um produto, formando forma um ser passivo acrítico (VASCONCELLOS, 1992). Que não é outra coisa que a *educação bancária*, utilizada como instrumento de opressão e passividade, denunciada por Paulo Freire em 1968, em sua obra-prima, *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2005, p. 65-83). E acrescenta o autor, “[...] na prática ‘bancária’, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos” (FREIRE, 2005, p. 79). A *educação bancária* é “um instrumento de opressão e uma prática pedagógica em que, nas relações educador-educando, o educador ‘naturalmente’, se impõe e se sobrepõe ao educando” (BORGES, 2013, p.137).

As vertentes supracitadas e emergidas da promoção do *animal laborans* e corrosivas da *vita activa*, afetam a prática docente. Nessa esteira, destaca Karnal (2009, p. 17) que “procurando acompanhar as mudanças, os novos tempos, muitos professores acabam comprando a ideia de que tudo que não é veloz é chato”. Isso é reflexo da liquidez expressa por Bauman (2007), de que tudo ficou extremamente rápido na pós-modernidade. A rapidez desemboca no consumismo, não somente de produtos concretos, mas de relações educacionais, que

postula um ensino extremamente veloz, consumido e digerido aceleradamente, sem gerar criticidade, análise e reflexão, sem a articulação do discurso assentado na dialogicidade.

As situações do mundo tornaram-se extremamente velozes e individualistas, as pessoas sobrepuseram o supérfluo sobre o absoluto; no caso da atual problemática ética e política que nos referimos, a crise da migratória mundial, os refugiados foram relegados como escória ou lixo humano, descartados pelo individualismo humano. A ênfase do ensino brasileiro numa abordagem tradicional originou-se no início da Modernidade, aproximadamente no século XV, “caracterizada pela concepção de educação como um produto” (MIZUKAMI, 1986, p. 11). O individualismo advém desse formato de escola, impulsionada por uma metodologia tradicionalista, na qual não se estabelece e nem se cria condições para o diálogo e a empatia. O professor é o detentor do conhecimento e o estudante mero receptor passivo, ou seja, uma concepção vertical do ensino, modelada na *educação bancária*, denunciada por Paulo Freire no final da década de 1960.

Existe uma contradição que merece ser evidenciada: o ensino no contexto global, influenciado pelas cinco vertentes aqui apresentadas, desponta um caráter veloz e

inovador, porém a metodologia empregada ainda está fortemente impregnada de heranças tradicionais. Esse modelo que remonta à concisa história do ensino brasileiro, em grande parte, tendeu a formar pessoas acríticas e individualistas, alijadas da dialogicidade. É correto afirmar que a tecnologia e a velocidade importam menos que metodologia.

Hannah Arendt ao propor a ação como a fundamental mantedora da *vita activa*, indica, essencialmente a união, produtora da empatia entre as pessoas como resultado imediato. Para reverta o quadro supraexposto do ensino tradicionalista e da elevação do *animal laborans*, das vertentes globalizantes, consequências dessa elevação, urge-nos “problematizar a realidade que nos cerca. Para problematizar, o primeiro passo é conhecer” (KARNAL, 2009, p. 51). Conduzir o educando à empatia e à conscientização da ação para impulsionar a transformação do mundo, instigando e incitando o professor a pautar-se na dialogicidade, estabelecendo um ensino horizontal, formador de um sujeito ativo, livre, consciente e construtor do seu destino e história. Depreende-se que “o ensino só tem sentido se o conhecimento construído puder ser elaborado pelo estudante e aplicado por ele” (COELHO, 2013, p. 64).

Aplicar pressupõe um sujeito ativo e, ser sujeito ativo, significa empregar a ação

entre seus iguais no intuito de transformar o seu entorno, utilizando-se de novos meios de ação que se revelam no discurso entre iguais (ARENDRT, 2008). Por isso, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2009, p. 22). A *vita activa* em que o espaço público e a política servem como meios à produção e à construção do conhecimento; realiza-se no diálogo, que estabelece sólidas relações e gera a união.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso investigativo constatamos que as atividades humanas reduzidas à habilidade de *animal laborans* tornaram-se contribuintes à supressão da liberdade e da ação nos dias hodiernos. A generalização da necessidade imposta às pessoas conduziu à corrosão da liberdade, da ação e da política. Essa necessidade pode ser constatada nas cinco vertentes impulsionadas pelas reflexões de Arendt e Bauman: são o individualismo, consumismo, mundo online, refugiados e a pobreza. Atividades e eventos estes corrosivos à concepção de *vita activa*. As concepções de *vita activa*, liberdade, ação e política convergem em alguns pontos, como: união, despojar-se das necessidades, pensamento em comunidade e nas novas possibilidades de transformar a realidade.

Esses conceitos formaram uma rede de implicações mútuas.

Ao refletirmos acerca da pertinência da *vita activa* para a educação nos dias hodiernos, fomentamos repensar a metodologia, predominantemente, utilizada, ainda enfatizada em um ensino vertical. Concebemos a educação como ato político, que impulsionado pela concepção de *vita activa*, o sujeito na construção do seu próprio conhecimento. Dessa forma, transformará a realidade social pelo véis do diálogo, da união e da articulação do discurso entre seus iguais no espaço público, pautado no bem comum, essa é política no seu sentido pleno. Urge-nos a retomada da *vita activa*, impulsionada por uma educação centrada na dialogicidade, produtora e intensificadora de relações sólidas e duradouras para afrontarmos as cinco vertentes aqui discorridas, especialmente a da crise migratória mundial dos refugiados, relegados à extrema pobreza e 'lixo' da humanidade.

Deixamos como principal indicação a buscar arendtiana pela dialogicidade, pois, por meio dela, não somente a educação, mas todo o complexo da *vita activa* é reforçado. Outrossim, deixamos como trilha reflexiva a conexão entre a teoria com a prática, pensar como levar a educação calcada na dialogicidade e na influência de conceitos arendtiano para a sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. *Introdução à metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 2009.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011a.

\_\_\_\_\_. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. 6. ed. Trad. Cesar Augusto R. de Almeida, Antônio Abranches e Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

\_\_\_\_\_. *Entre o passado e o futuro*. Trad. de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. *O que é política?* Trad. de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. *Sobre a revolução*. Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b.

\_\_\_\_\_. *Sobre a violência*. 2 ed. Trad. de André de Macedo Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ARISTÓTELES. *Política: texto integral*. 5. ed. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. 1. ed. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

\_\_\_\_\_. *Tempos Líquidos*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BORGES, Valdir. *A reconstrução de uma ética pedagógica libertadora à luz de Paulo Freire*. 1.ed. Curitiba: CRV, 2013.

COELHO, Livia Dias. *Procedimentos de ensino: um movimento entre a teoria e a prática pedagógica*. 2. ed. Curitiba: Champagnat, 2013.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 42.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

KARNAL, L. (Org.). *História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

SAMPAR, Rene E.; FACHIN, Zulmar. Poder e liberdade em Hannah Arendt. In: *Argumenta Journal Law*, n. 24, pp. 63-74, jun. 2016. Disponível em: <http://seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/download/745/pdf>. Acesso em: 22 mar. 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007

SILVA, Marcos Luiz da. A ideia de espaço público em Hannah Arendt. In: *Cadernos Zygmunt Bauman*, v.7, n.13, p. 117-133,

2017. Disponível em: <http://www.periodicoselétronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/7348>. Acesso em: 11 nov. 2018.

TAVARES, Romero. Construindo Mapas conceituais. In: *Ciências e cognição*. v. 12, p. 72-85, Dez. 2007. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v12/m347187.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2019.

TORRES, Ana Paula Repolês. O sentido da política em Hannah Arendt. In: *Trans/Form/Ação*, v. 30, n. 2, p. 235-246, Dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v30n2/a15v30n2.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

VALENTE, Jaciel Rossa.; BORGES, Valdir. Uma rede de inter-relações entre política, ação e liberdade no cotidiano do ser humano em Hannah Arendt. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, XIV, 2019, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: PUCPR, 2019, p. 4567-4569. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2019/28296\\_14354.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2019/28296_14354.pdf). Acesso em: 20. Jun. 2020.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Metodologia Dialética em Sala de Aula. In: *Revista de Educação AEC*. Brasília: abril de 1992 (n.83). Disponível em: <http://www.celsovasconcellos.com.br/Textos/MDSA-AEC.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2019.